

EDUCAR AS FORÇAS E OS SENTIDOS NA NATUREZA, CONSIDERAÇÕES SOBRE O EMÍLIO DE ROUSSEAU

Rachel Ramos de Souza

RESUMO

As teorias pedagógicas a partir do séc. XVIII trazem à luz um novo aspecto, uma educação do corpo a partir da natureza. Neste sentido, “O Emílio, ou da Educação”, escrito por Jean-Jacques Rousseau confere ao corpo e suas relações com a natureza um destaque no processo de formação do homem enquanto cidadão. Este autor expõe uma educação através de exercícios e práticas voltados para o corpo em meio à natureza. Este trabalho visa expor algumas considerações acerca do corpo e da natureza na teoria pedagógica de Rousseau, por meio de uma discussão sobre as prescrições relativas ao fortalecimento do corpo e o refinamento dos sentidos em meio e a partir da interação com a natureza.

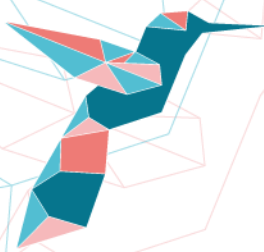
PALAVRAS-CHAVE: Rousseau; fortalecimento do corpo; educação dos sentidos; natureza

INTRODUÇÃO

A obra *Emílio, ou da Educação*¹, escrita por Jean-Jacques Rousseau, tem sido uma referência nos estudos sobre educação devido à sua complexidade e riqueza de elementos. Publicada em 1762, *Emílio* fomenta uma discussão acerca da educação que ganhará espaço a partir deste período, a saber, uma pedagogia que conceba tanto o corpo como a mente. Nesta obra, Rousseau apresenta um novo “sistema de educação” (OLIVEIRA, 2012) no qual expõe as concepções pedagógicas derivadas de suas vivências como tutor na corte francesa, buscando abarcar todos os aspectos concernentes à educação de uma criança em diálogos com os conhecimentos e práticas pedagógicas, bem como médicas e higiênicas, em voga no período.

Este tratado de educação, como enunciado por Rousseau, apresenta uma série de discussões que passam a permear o âmbito pedagógico a partir da segunda metade do século XVIII e nele, a natureza instaura-se como um lugar para educação e não mais um local

¹ Doravante: *Emílio*



selvagem, sombrio, perigoso.² Em consequência disso, a exposição aos elementos naturais e interação com o ambiente aparece como um dos motes que norteiam o processo educativo no *Emílio*. Rousseau expõe uma educação pautada pela relação direta com o campo, os diferentes elementos da natureza através do corpo e das sensações. De acordo com o autor, educar consistiria “não em ensinar a virtude ou a verdade, mas em proteger o coração contra o vício e o espírito contra o erro” (ROUSSEAU, 2004, p.97)³ e, nesse sentido, o fortalecimento do corpo passa a ter papel fundamental na formação do que o autor considera para um homem pleno. Somente um corpo forte, robusto, é capaz de controlar suas pulsões e, assim, contribuir para o pleno desenvolvimento moral e intelectual do homem. Starobinski (2011, p.48) expressa que *Emílio* estabelece a “reconciliação da natureza e da cultura em uma sociedade que redescobre a natureza e supera as injustiças da civilização”. Nesta obra a natureza é mostrada como o lugar e o mestre desta educação para o corpo e para a mente.

A noção de natureza e os preceitos desenvolvidos por Rousseau ao longo de *Emílio* contribuíram para que ao longo dos anos esta obra se convertesse “não só em um verdadeiro tratado de pedagogia, mas em um modelo de texto pedagógico, insistentemente imitado, corrigido, aprofundado e desenvolvido por uma série de grandes teóricos modernos da educação” (Oliveira 2012, p.10, grifos do autor). Ao fim do século XVIII, as ideias propostas pelo filósofo genebrino, unidas a novos preceitos da medicina (em especial da higiene), inspiram a elaboração de inúmeros manuais pedagógicos que passam a se debruçar com maior atenção sobre as relações entre corpo e educação e a questionar diferentes hábitos que contribuiriam para o enfraquecimento deste corpo, tais como a alimentação, o sono e, principalmente, a imobilidade corporal.

Emílio é composto por cinco livros que discorrem sobre distintos momentos da vida de um indivíduo. Os livros I e II, que abordam da infância discorrem com maior profundidade sobre a influência da natureza no processo de formação inclusive por meio de uma educação

² Thomas (2010) explica as mudanças do homem em relação à natureza, e discorre sobre a noção de natureza que seria reflexo de uma mudança de sensibilidades em relação ao mundo natural. Este autor explica que “Em fins do século XVIII, o apreço pela natureza, e particularmente pela natureza selvagem, se convertera numa espécie de ato religioso. A natureza não era só bela; era moralmente benéfica.”(THOMAS, 2010, p.368)

³ Para este trabalho foram consultadas diversas edições da obra de Rousseau, contudo todas as referências utilizadas dizem respeito à 3ª edição da tradução em português de *Emílio, ou da Educação* editada pela Martins Fontes em 2004.



dos sentidos. Neste momento a educação pauta-se na interação direta com o ambiente, e são sustentadas pelo fortalecimento corporal da criança através da natureza.

Rousseau defende que tal como a mente o corpo também deveria ser exercitado, de maneira a proporcionar uma formação equilibrada e plena, que deveria acontecer em meio à natureza, associada a uma educação intelectual. Neste sentido, as prescrições educativas que iriam aparecer no *Emílio* aconteceriam inicialmente através do corpo para posteriormente atuarem sobre o espírito e intelecto do aluno.

O presente trabalho visa apresentar algumas considerações sobre a educação do corpo e natureza em Rousseau, ao expor, através do fortalecimento corporal e da educação dos sentidos, como os exercícios corporais são explorados em contato direto com a natureza. O *Emílio* é um exemplo das teorias pedagógicas que passaram a ganhar espaço desde o século XVIII e tiveram significativa repercussão sobre as práticas de educação do corpo que se desenvolveriam no século XIX.

EMÍLIO: EDUCAÇÃO, CORPO E NATUREZA

Desde o início de sua obra, Rousseau observa que ela seria uma coletânea de suas reflexões sobre um método de educar e, por isso, não forneceria exercícios a serem repetidos, mas apontaria para como uma educação em meio à natureza poderia contribuir para a formação de um homem apto à vida em sociedade. Uma educação esta que se daria inteiramente afastada do ambiente urbano e que permitiria ao infante, desde a mais tenra idade, a livre descoberta e o livre movimentar-se em meio aos elementos naturais. Inicialmente enquanto o aluno ainda é um bebê, o direcionamento das práticas pedagógicas é voltado principalmente para que ele se adapte às condições oferecidas pelo mundo natural, familiarizando-o, por exemplo, aos sons da natureza, aos diferentes tipos de animais e à movimentação.

A educação no *Emílio* é mostrada inicialmente a partir do corpo, por ser este o vínculo de comunicação da criança com o mundo antes da aquisição da linguagem. Tendo isso em vista, faz-se necessária uma educação voltada para o corpo que irá influenciar conjuntamente o desenvolvimento intelectual e pleno do homem.

O corpo, para Rousseau, é o instrumento pelo qual a aprendizagem se configura, desde o nascimento a criança aprende pelo corpo e só futuramente que ela conseguirá



interagir com o mundo por meio da linguagem associada a gestos. O autor já afirma que se “quereis, então, cultivar a inteligência de vosso aluno; cultivai as forças que ele deve governar; exercitai de contínuo seu corpo; tornai-o robusto e sadio, para torná-lo sábio e razoável; que ele trabalhe, aja, corra e grite, esteja sempre em movimento, que seja homem pelo vigor, e logo será pela razão.” (ROUSSEAU, 2004, p.137).

FORTALECIMENTO DO CORPO PELA NATUREZA

A educação, principalmente nos primeiros anos de vida, deve acontecer então, através dos sentidos, do contato com a natureza, da apreciação de seus elementos e da vivência no mundo natural. O corpo seria, pois, educado por meio de exercícios e práticas ao ar livre com o intuito de fortalecer e desenvolver plenamente as capacidades já que “quanto mais fraco é o corpo, mais ele comanda; quanto mais forte ele é, mais obedece. [...] O corpo fraco debilita a alma” (ROUSSEAU, 2004, p.34). O fortalecimento torna-se necessário para que se possa conquistar o pleno desenvolvimento do espírito e, para alcançá-lo, é preciso dar ao indivíduo em formação a oportunidade de exercitá-lo ar livre.

Contanto que não se ultrapassem as medidas de suas forças, arrisca-se menos ao fazê-las agir do que ao poupá-las. Exercitai-a, pois, para os golpes que um dia terão que suportar. Enrijecei seus corpos para as intempéries das estações, dos climas, dos elementos, para a fome, para a sede, a fadiga; [...] Uma criança suportará mudanças que um homem não suportaria; as fibras da primeira, moles e flexíveis, tomam facilmente a forma que lhes damos; as do homem, mais duras, só com violência mudam a forma que receberam. Podemos, portanto, tornar uma criança robusta sem expor sua vida e sua saúde; (ROUSSEAU, 2004, p.23).

A educação do corpo consiste em manter uma proximidade e relação com a *natureza*. Rousseau expõe a necessidade de um corpo sadio e com vigor, capaz de suportar as provações da natureza que teriam como finalidade o fortalecimento e desenvolvimento do homem a fim de favorecer a conservação da vida a partir da interação com os elementos da natureza. Rousseau apresenta no *Emílio* a importância do corpo e da realização de exercícios para um processo pedagógico, o autor apoia-se em outros teóricos, contudo explicita suas concepções sobre uma educação pautada em exercícios e práticas corporais:

Todos os que refletiram sobre a maneira de viver dos antigos atribuem aos exercícios da ginástica esse vigor do corpo e da alma que os distingue mais claramente dos modernos. [...] Falando em educação de uma criança, diz ele [Montaigne] que, para lhe enrijecer a alma, é preciso endurecer seus músculos; acostumá-la ao trabalho, acostumamo-la à dor; é preciso treiná-la na aspereza dos exercícios para educa-la para a aspereza das luxações, da cólica e de todos os males. O Sábio Locke, o bom Rollin, o douto Fleury, o pedante Crouzas, tão diferentes entre si em tudo mais, concordam todos neste único ponto: exercitar bastante o corpo das crianças. (ROUSSEAU, 2004, p.149-150)

Os exercícios corporais aparecem no *Emílio* desde na fase de bebê com menor complexidade, mas na medida em que a criança se desenvolve também a dificuldade é ampliada. Ainda no berço o discípulo já deve ser estimulado a se movimentar e interagir com elementos da natureza, além disso, suas vestes também devem ser adequadas ao movimento:

No momento em que a criança respira ao sair de seus invólucros, não deveis deixar que seja metida em outros que apertem ainda mais. Nada de testeiras e nada de faixas; fraldas soltas e largas que deixem todos os seus membros em liberdade e não sejam nem muito pesadas para atrapalhar seus movimentos, nem quentes demais para impedir que sinta as impressões do ar. Colocai-a num grande berço acolchoado, onde ela possa movimentar-se à vontade e sem perigo. Quando começar a ficar mais forte, deixa-a engatinhar pelo quarto; deixai que a criança se desenvolva e estique as perninhas e os bracinhos e vereis que ela se fortalecerá a cada dia. (ROUSSEAU, 2004, p.45)

Rousseau evoca uma educação pautada no livre movimentar do corpo, a criança deve ser capaz de mover seus membros para fortalecer o tônus de seus músculos. Ainda que restrito ao ambiente do berço o contato da pele com o ar forneceria as impressões necessárias para que a criança aprende-se a interagir com o ambiente. A educação dos sentidos consiste, neste sentido, um instrumento para a formação corporal da criança. Esta formação aconteceria através do contato com a natureza, da apreciação de seus elementos e da vivência no mundo natural. Conclui, dessa forma, que seria pelo contato com a natureza que o homem se formaria e buscaria os conhecimentos necessários ao seu crescimento, uma vez que

Consistindo, portanto, os primeiros movimentos naturais do homem em medir-se com tudo que o rodeia, e em experimentar em cada objeto que

percebe todas as qualidades sensíveis que podem ligar-se a ele, seu primeiro estudo é uma espécie de física experimental relativa à sua própria conservação, de que desviado através dos estudos especulativos antes que tenha reconhecido seu lugar aqui na terra. [...] Como tudo que entra no entendimento humano vem pelos sentidos, a primeira razão do homem é uma razão sensitiva; é ela que serve de base à razão intelectual: nossos primeiros mestres de filosofia são nossos pés, nossas mãos, nossos olhos. (ROUSSEAU, 2004, p.148)

Após a criança ter adquirido a capacidade de andar e se movimentar Rousseau mostra como os exercícios na natureza são importantes para a continuidade desta educação de um corpo natural e para a manutenção da vida em acréscimo ele explica como optar pelos exercícios comuns e não priorizar os exercícios comumente explorados:

Uma educação exclusiva, que tende apenas a destacar dos povos os que a receberam, sempre prefere as lições mais caras às mais comuns e, pela mesma razão, às mais úteis. Assim os jovens educados com esmero aprendem todos a montar cavalo, porque isso lhes custa muito caro; mas quase nenhum aprende a nadar, porque isso não custa nada [...] Emílio estará na água e na terra. Possa ele viver em todos os elementos! [...] Tememos que uma criança se afogue ao aprender a nadar; que se afogue ao aprender ou por não ter aprendido, será sempre vossa culpa. (ROUSSEAU, 2004, p.159)

O autor centra-se em uma educação eficaz e que seria capaz de abarcar com as deficiências no processo educacional vigente na época e formar um homem apto à sociedade iluminista, para isso apresenta uma formação a partir da natureza e seus elementos. A prevalência do ensino do nado, em detrimento à montaria, reside na utilidade para a conservação da vida. O intuito proposto por Rousseau seria o desenvolvimento de habilidades do corpo, a interação e superação dos obstáculos apresentados pela natureza. Rousseau não detalha como ensinar o nadar, contudo aponta a importância e relevância deste tipo de conhecimento. Seu discípulo deve ser instruído a interagir com a natureza e isso também envolve a água seja pelo hábito do banho durante o período de recém-nascido, ou pelo nado num rio. Outro exemplo de exercício do corpo em meio à natureza é a descrição de como o autor ensinaria dança:

Se eu fosse professor de dança, não faria todas as macaquices de Marcel⁴, boas para o país onde ele as faz, mas, em vez de ocupar eternamente meu aluno com cambalhotas, eu o levaria para o pé de um rochedo; lá eu lhe mostraria que atitude é preciso assumir, como se deve manter o corpo a cabeça, que movimento é necessário fazer, de que modo se deve pôr ora o pé, ora a mão, para seguir com ligeireza os caminhos escarpados, ásperos e rudes, e lançar-se de pico em pico tanto subindo como descendo. Faria dele o rival de um cabrito, mais que um dançarino de Ópera. (ROUSSEAU, 2004, p.171-172)

A dança, tal como os demais exercícios, consiste mais em movimentar-se pelo espaço assumindo posturas distintas e do que em elaborar construções coreográficas com alta complexidade. A execução dos movimentos é feita em meio à natureza justamente para que o discípulo possa superar quaisquer obstáculos. Rousseau anseia que seu aluno saiba interagir com a natureza e sobreviver às adversidades. O corpo é instruído a se movimentar de todas as maneiras possíveis.

A corrida também é apresentada no *Emílio* como parte do processo pedagógico, contudo o autor expõe através de exemplo de treinamento para corrida, algumas estratégias para motivar seu discípulo a percorrer distâncias no menor tempo possível e apresenta os passeios e corridas ao ar livre como instrumentos para aprender sobre distâncias, valores morais além de fortalecer o corpo.

A proposta pedagógica de Rousseau para a infância sustenta-se, na vivência de experiências proporcionadas pela natureza. Conforme essa criança cresce, dá-se a ela maior liberdade para que explore essa natureza por meio de seus sentidos e assim aprenda paulatinamente a interagir com o ambiente e posteriormente a usufruir o que lhe fora aportado por cada um dos sentidos. Nesta educação Rousseau expõe primeiramente de modo geral a importância deste trabalho para, em seguida, exemplificar algumas práticas que podem ser utilizadas priorizando cada sentido. O corpo aparece, portanto, como um instrumento pelo qual se configura a aprendizagem; o primeiro meio de interação da criança com o mundo

⁴Nota do autor: “Célebre professor de Dança em Paris, que, conhecendo bem a sociedade, fazia-se de extravagante por astúcia e dava à sua arte uma importância que se fingia achar ridícula, mas pela qual se tinha, no fundo o maior respeito. Numa arte não menos frívola, vemos ainda hoje, um artista comediante fazer-se da mesma forma de importante e de louco, e não se sair menos bem. Tal método é sempre certo na França. Lá, o verdadeiro talento, mais simples e menos charlatão, não faz fortuna. Lá a modéstia é a virtude dos tolos”(ROUSSEAU, 2004, p.171).



externo e, por isso, tem posição central em sua proposta. Faz-se então necessário, portanto, que todos os sentidos da criança possam receber os estímulos promovidos pela natureza.

EDUCAÇÃO DOS SENTIDOS NA NATUREZA

Os sentidos, tal como as demais faculdades orgânicas, são passíveis de educação e aperfeiçoamento. Da mesma forma que a criança cresce e desenvolve suas capacidades físicas e aprende a melhor utilizá-las, os sentidos também requerem ensinamentos específicos, a fim de que ela possa utilizá-los da melhor maneira e superar as adversidades que possam lhe aparecer. Rousseau logo explica que “exercitar os sentidos, não é apenas fazer uso deles, mas aprender a bem julgar por assim dizer, a sentir; pois nós não sabemos nem tocar, nem ver nem ouvir, a não ser da maneira como aprendemos.” (ROUSSEAU, 2004, p.160)

No *Emílio*, o discípulo é instruído a refinar seus sentidos através da natureza. Cada um dos sentidos poderia ser aprimorado e assim as impressões seriam mais fieis a natureza. Rousseau também apresenta uma hierarquia dos sentidos de acordo com a utilização e precisão das impressões. Este autor afirma que

não somos igualmente senhores do uso de todos os sentidos. Há um deles, o tato, cuja ação nunca é suspensa durante a vigília, ele foi espalhado por toda a superfície de nosso corpo, como uma sentinela contínua para nos advertir sobre tudo o que possa ofendê-lo. (ROUSSEAU, 2004, p. 161)

Rousseau não determina categoricamente como estão hierarquizados os demais sentidos, ele apenas expõe comparações entre dois, ou a complementaridade de um sentido em relação ao outro. No caso do tato, o autor mostra por meio de exemplos, como uma pessoa teria o aperfeiçoado em função de outra carência utilizando como exemplo disso as pessoas cegas, que pela ausência da visão, possuem não somente o tato, mas os outros sentidos mais apurados. Por outro lado, afirma também que o tato pode se tornar mais obscuro e impreciso e que justamente o exercício da visão seria necessário para auxiliá-lo e ampliá-lo. Esta relação de complementaridade entre os sentidos evidencia-se em outros momentos, como quando o autor afirma que “o sentido do olfato está para o paladar assim como o da visão está para o tato” (ROUSSEAU, 2004, p.199).



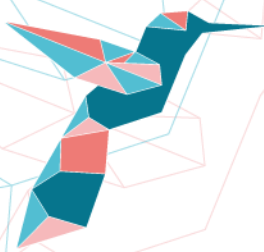
Rousseau atenta-se a expor exemplos de como poderiam ser trabalhados cada um dos sentidos, estes seriam objeto de educação não por acaso, mas por suas relações diretas como as interações da criança com a natureza que a rodeia. A fim de evidenciar as prescrições relativas a educação dos sentidos serão abordados individualmente cada um deles de acordo com a ordem exposta por Rousseau, no *Emílio*. Para este autor, o tato aparece como uma das primeiras formas que a criança tem de conhecer o mundo que a cerca, o que faz com que a pele seja o canal imediato de influências da natureza sobre o corpo e, conseqüentemente, o primeiro objeto de uma educação do corpo pautada no contato com os elementos naturais. Neste sentido, o contato com o ambiente através da pele seria estimulado pela própria interação com o ar e, segundo Rousseau,

é importante que a pele se torne resistente às impressões do ar e possa enfrentar suas alterações, pois é ela que defende todo o resto. Com exceção disso, eu não gostaria que a mão, muito servilmente aplicada aos mesmos trabalhos, viesse a se enrijecer, nem que a sua pele, tornada quase óssea, perdesse a sensibilidade fina que revela quais são os corpos sobre os quais passamos, e que, conforme a espécie de contato, algumas vezes nos faz na escuridão, arrepiar de diversas maneiras. (ROUSSEAU, 2004, p.170)

O fortalecimento do tato acontece pelo uso de roupas leves e soltas que permitem o movimento corporal, mas também pela ausência de elementos excessivamente protetores. Rousseau apresenta outro estímulo ao tato em contato com a natureza: “Que Emílio passe as manhãs de pés descalços, em qualquer época do ano, pelo quarto, pela escada, pelo jardim, longe de repreendê-lo por isso, eu o imitarei; terei apenas o cuidado de pôr de parte os vidros” (ROUSSEAU, 2004, p.171).

Rousseau sugere ainda a estimulação do tato através de jogos noturnos ou com os olhos vendados, pois a carência da visão permitiria uma maior pureza nas impressões táteis. Os jogos noturnos ou num ambiente escuro permitem o conhecimento puramente através da exploração do espaço e, além disso, para Rousseau, estimulam a superação dos medos associados à noite uma vez que favorecem o uso da imaginação e fortalecem a coragem contra o desconhecido.

Com o tato desenvolvido volta-se a atenção para a visão, sentido este que para Rousseau, amplia a magnitude de conhecimento do homem para além de si, através do



conhecimento das distâncias, mas que também requer uma educação, uma vez que pode enganar quando não tiver precisão. No *Emílio*, este sentido é utilizado para o cálculo de distâncias, conhecimento do tamanho de objetos. Contudo o trabalho que fora feito com o tato de simplificação do sentido, neste momento não pode ser aplicado devido à imprecisão da visão. Agora Rousseau propõe uma associação entre os sentidos, e novamente o aluno é posto a explorar a natureza: “Existem mil maneiras de interessá-las por medir, conhecer e avaliar as distâncias. Eis uma cerejeira muito alta, como faremos para colher as cerejas? [...] Eis um riacho bem largo, como faremos para atravessá-lo?” (ROUSSEAU, 2004, p. 173) Estes e outros desafios são apresentados à criança para que possa pensar sobre tamanhos e criar alternativas práticas.

Os exemplos descritos para o refinamento visão sustentam-se em fornecer uma ampliação dos conhecimentos que não poderiam ser percebidos unicamente pelo tato. Rousseau instrui seu discípulo a observar detalhes da natureza, estabelecer medidas e calcular distâncias para percorrer. O contato com a natureza é importante para que a criança saiba superar obstáculos e perceber como deve interagir com o ambiente. Na mesma medida que o corpo é instruído também o intelecto é, aos poucos, trabalhado na educação.

O próximo sentido tratado é a audição que, segundo Rousseau, possui um órgão específico, a voz, com a qual podemos produzir sons. Sendo assim muito do trabalho da audição está também ligado à entonação da voz e produção de sons, não somente a recepção passiva dos barulhos. Durante o período em que a criança ainda bebê Rousseau expõe a necessidade de acostumá-la aos barulhos de trovões, raios, e também de educá-la na identificação dos sons que a rodeia, para conhecer o espaço em que está e as dimensões. Já tendo apresentado isso, os exercícios para a audição iriam se concentrar na expressão de sons, por meio da fala, do canto, gritos e choros. O discípulo de Rousseau é instruído a “falar uniformemente, claramente, a articular bem, a pronunciar exatamente e sem afetação” (ROUSSEAU, 2004, p.187).

Associado ao trabalho da voz Rousseau apresenta exercícios da audição que estariam centrados em conhecer o ambiente e interagir com o meio de modo preciso para isso expõe como exemplo o reconhecimento de objetos e a percepção de localização através dos sons que seriam habilidades cruciais para o conhecimento do ambiente.

Por último são trabalhos dois sentidos que também se encontram intimamente ligados, o olfato e o paladar. Se Rousseau afirma que: “O sentido do olfato está para o paladar



assim com o da visão está para o tato” (ROUSSEAU, 2004, p. 199). Contudo este autor opta por trabalhar separadamente estes sentidos. A princípio sugere o paladar para conhecer os sabores e temperos das comidas a fim de manter o mais simples possível a alimentação o objetivo estaria em estimular uma alimentação saudável para seu discípulo e ensiná-lo a apreciar as coisas como são oferecidas pela natureza. Já o olfato atua como uma proteção contra possíveis substâncias que possam prejudicar o ser. Sendo assim este autor prioriza um trabalho sutil para este sentido com a descoberta de alimentos pelo cheiro e também a dissimulação de um remédio por um odor agradável, mas em função da tênue relação do olfato com a imaginação Rousseau não se centra muito na estimulação direta, uma vez que acredita que a criança ainda não detenha os conhecimentos mais apurados. Rousseau trabalha com os sentidos na medida em que a criança consegue já que “supondo, pois, o meu método seja o da natureza e que não me tenha enganado em sua aplicação, levamos nosso aluno pelo país das sensações até as fronteiras da razão pueril” (ROUSSEAU, 2004, p.202).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A natureza, para Rousseau, é a fonte de conhecimento mais confiável e o erro das outras educações encontra-se em separar o homem da natureza e priorizar apenas o saber da razão. Neste sentido, o corpo em conjunto à razão deve ser educado e Rousseau apresenta no *Emílio* um tratado acerca desta formação plena, assim o autor coloca o corpo como um elemento importante e anseia que discípulo aprenda a relacionar-se com o mundo natural que o rodeia, para futuramente saber discernir o que lhe for imposto pela sociedade. Segundo Rousseau (2004, p.147):

Esses exercícios continuados, entregues assim à direção apenas da natureza, ao fortalecerem o corpo, não somente não embrutecem o espírito como, pelo contrário, formam em nós uma espécie de razão que a primeira idade é capaz, e mais necessária a todas as idades. Eles nos ensinam a conhecer bem o emprego de nossas forças, as relações entre nossos corpos e os corpos circunstantes, o emprego dos instrumentos naturais que estão ao nosso alcance e que se adaptam aos nossos membros.

O conceito de educação pela natureza e a incorporação de seus elementos no processo de constituição do corpo fazem parte de um novo movimento que irá se configurar a



partir do século XVIII através de médicos e pedagogos, impulsionará um novo direcionamento das pedagogias referentes ao corpo. *Emílio* surge como uma obra cujo conteúdo traz à tona a importância da natureza para o desenvolvimento de uma educação dos corpos. Rousseau estipula em seu “tratado pedagógico” as linhas gerais de um plano de educação pautada na exploração da natureza, enriquecendo assim o entendimento sobre o papel da natureza na educação.

O fortalecimento do corpo e a educação dos sentidos aparecem como temas centrais na formação da criança e está intimamente ligado a uma apropriação da natureza e seus elementos. A natureza é reforçada tanto como local de práticas educativas, quanto como uma educadora de corpos em si mesma. Todos os sentidos são trabalhados por meio de interação com o ambiente e reconhecimento da natureza. A partir deste momento ela passa a ser buscada como fonte para revigoramento e fortalecimento do homem que sofre com a crescente urbanização. Não se trata de abandonar a civilização para regressar à natureza, mas sim de retornar a ela com racionalidade para desenvolver-se. Starobinski (2011, p.396) afirma:

No *Emílio*, leremos que *é preciso empregar muita arte para impedir o homem social de ser inteiramente artificial. É pelo aperfeiçoamento da cultura (portanto, por uma desnaturação mais aprofundada) que o acordo com a natureza pode ser redescoberto, e essa natureza segunda, fruto da arte, não se define mais como um equilíbrio obscuro e instintivo: é esclarecido pela razão, sustentada pelo sentimento de moral, de que um bruto primitivo nada sabia.* (grifos do autor – ref. Livro IV – OC, IV p.640).

O *Emílio* evidencia a importância da educação do corpo através de exercícios e da interação com os elementos da natureza, em contrapartida com a crescente urbanização, Rousseau coloca seu discípulo no campo e ensina-o a viver em meio à natureza, em consequência instrui inclusive o corpo para fortalecer e conservar a vida através de práticas ao ar livre.

ABSTRACT

The pedagogical theories from the 18th century brought to light a new aspect, a body education from nature. In this sense, "Emile, or on Education", written by Jean -Jacques



Rousseau gives the body and its relationship with nature a highlight in the formation of man as a citizen process. This author presents an education through exercises and practices of the body in nature. This paper aims to set out some considerations about the body and nature in pedagogical theory of Rousseau, through a discussion of the prescriptions for strengthening the body and the refinement of the senses through and from the interaction with nature.

KEYWORDS: Rousseau; strengthening the body ; education of the senses ; nature

RÉSUMEN

Las teorías pedagógicas del siglo XVIII sacan a la luz un nuevo aspecto, una educación del cuerpo de la naturaleza. En este sentido, " Emilio, o de la Educación", escrito por Jean - Jacques Rousseau da al cuerpo y su relación con la naturaleza un papel más destacado en la formación del hombre como un proceso ciudadano. Este autor presenta una educación a través de ejercicios y prácticas del cuerpo en la naturaleza. Este documento tiene por objeto exponer algunas consideraciones sobre el cuerpo y la naturaleza en la teoría pedagógica de Rousseau, a través de un análisis de las prescripciones para fortalecer el cuerpo y el refinamiento de los sentidos a través y por medio de la interacción con la naturaleza.

PALABRAS CLAVE: Rousseau; el fortalecimiento del cuerpo ; educación de los sentidos ; naturaleza

REFERÊNCIAS

BOTO, Carlota. Rousseau preceptor: orientações pedagógicas para a instrução de crianças verdadeiras. *Cadernos de Pesquisa*. 2012, vol.42, n.145, pp. 226-247. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742012000100013&lng=es&nrm=iso&tlng=es Acesso em: 02/02/2014

DALBEN, André. **Educação do corpo e vida ao ar livre:** natureza e educação física em São Paulo (1930-1945). 2009. 170 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP. Disponível em: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=000443213>. Acesso em: 14/06/2014

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994, v. 1 e 2.

HOBSBAWM, E. J. *A era das revoluções: 1789-1848*. 25. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2009. 535 p.

LARRÈRE, Catherine. Jean-Jacques Rousseau: o retorno da natureza. *Cadernos de Ética e Filosofia Política*, n.21, p.13-30, 2012. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/56546>. Acesso em: 15/08/2013



LEONARD, Fred Eugene. *Guide to the History of Physical Education*. Filadélfia e Nova Iorque: Lea & Febiger, 1923

MARSCHNER, Paul. Vorwort. In: GUTS MUTHS, Johann Christoph Friedrich. (1793) *Gymnastik für die Jugend*. Neuherausgabe. Frankfurt am Main: Limpert, 1970

MARTINS, Maurício Rebelo; DALBOSCO, Claudio A. Rousseau e a primeira infância. *Filosofia e Educação*, v. 4, p. 82-99, 2012. Disponível em: <http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/rfe/article/view/3188>. Acesso em: 06/11/2012.

OLIVEIRA, F. DE. O Emílio de Rousseau: uma obra de Pedagogia? *Filosofia e Educação*, v. 4, p. 7-33, 2012. Disponível em: <http://www.fe.unicamp.br/revista/index.php/rfe/article/view/3701>. Acesso em: 06/11/2012.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emilio, ou, Da educação*. 4. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2014.

SOARES, Carmen Lúcia. Corpo, natureza e educação. *Projeto História*, v.25, 2002, p.69-79. Disponível em <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10581> Acesso em 28/02/2013.

_____. A educação do corpo e o trabalho das aparências: o predomínio do olhar. In: ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval; VEIGA NETO, Alfredo; SOUZA FILHO, Alípio (orgs.). *Cartografias de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 69-82.

_____. Da arte e da ciência de movimentar-se: primeiros momentos da Ginástica no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary e MELO, Victor Andrade de. (Org.). *História do Esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: Editora da Unesp, 2009, p. 133-178.

_____. *CORPO e história*. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006. 180 p.

_____. *L'Education du corps, le mouvements et leurs défis*, Conference Plenièrre, Colloque International: Le Corps en Mouvements 2, Montpellier, France, 3-6 juin 2009.

STAROBISNKI, Jean. *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo - Seguido de sete ensaios sobre Rousseau*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2011.

THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. Campinas: Companhia das Letras, 2010.

VIGARELLO, Georges. *Le corps redresse : histoire d'un pouvoir pedagogique*. Paris : A. Colin, 2004. 237p.